

RELATO DA PRÁTICA

# LIMITES DA ESCUTA DO ANALISTA NA ESCUTA DE MULHERES IMIGRANTES EM SITUAÇÕES DE VULNERABILIDADE

<https://dx.doi.org/10.59068/24476137limitesdaescuta>

Imagem: Bianca Van Dijk, 2026



**Júlia Maria Suleiman do Nascimento**

psijulia.suleiman@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1220689957828173>

Formada em Psicologia pela Universidade Positivo, Mestre em Psicanálise pela Universidade Paul Valéry III, formação em atendimento a Migrantes pela Universidade Paris 7, pesquisadora na área de migrações atuando na área clínica com brasileiros vivendo fora do país desde 2017.

## **Limites da escuta do analista na escuta de mulheres imigrantes em situações de vulnerabilidade**

### **The limits of listening to the analyst in listening to immigrant women in situations of vulnerability**

### **Los límites de la escucha del analista en la escucha de mujeres inmigrantes en situaciones de vulnerabilidad**

“Eu sou uma pobre exilada. Você não imagina como longe do Brasil se tem saudade dele.”

Clarice Lispector (Ferreira & Montero, 2021)

Desde o início dos tempos o ser humano migra: em busca de sonhos, de melhores condições de vida, de novas perspectivas e possibilidades. Há aqueles que partem por necessidade, outros por desejo, outros ainda por amor, por trabalho ou estudo. Mas, independentemente da razão, migrar implica atravessar transformações subjetivas profundas.

Em 2011, mudei-me temporariamente para a Suécia para realizar um intercâmbio. Naquele momento, eu havia recém iniciado o curso de Psicologia e dava também meus primeiros passos em análise. Pela primeira vez experimentei de forma intensa o estranhamento: uma nova língua, novos hábitos, o clima gélido, a distância da família, dos amigos e das referências cotidianas. Foi então que comecei a me perguntar como faziam aqueles que decidiam — ou precisavam — viver longe de seu país de origem.

Naquele período, a possibilidade de realizar análise online ainda era distante. Eu sequer cogitava buscar um analista em inglês e tampouco encontrava alguém que falasse português. A partir dessa experiência, passei a refletir sobre como homens e mulheres em processos migratórios lidavam com seus impasses, medos, angústias e desafios relacionados ao ser estrangeiro.

Anos depois, já formada e atuando clinicamente, fui estudar na França. Embora a internet já estivesse mais presente, pouco se falava sobre atendimento online. Lembro-me de uma supervisora — que mais tarde se tornaria minha analista — afirmar: “Se Freud e tantos outros analistas importantes da história estivessem vivos, provavelmente fariam sessões pela internet”.

Segui então minha trajetória clínica no exterior, ainda antes da pandemia da Covid-19, e desde então minha escuta passou a ser majoritariamente voltada a estrangeiros, migrantes e brasileiros vivendo fora do país. É através dessa escuta — frequentemente mediada pela tela de um celular ou computador — que venho acompanhando os efeitos subjetivos da experiência migratória.

Quando falamos de migração, muitas narrativas costumam ser idealizadas. Há aqueles que sempre sonharam em morar fora; outros que recebem uma oportunidade acadêmica ou profissional inesperada; há ainda aqueles que partem acompanhando um parceiro, sustentados pelo desejo de construir uma família ou uma vida melhor. Mas, na clínica, percebo o quanto essas decisões consideradas “voluntárias” são atravessadas por conflitos inconscientes, histórias familiares, ideais e expectativas.

Ao longo dos anos fui elaborando duas metáforas para pensar a experiência migratória. A primeira remete a um véu que passa a recobrir todos os aspectos da vida do sujeito. Nada permanece exatamente igual depois de uma mudança geográfica dessa magnitude. O modo de habitar o mundo, os vínculos, o corpo, a língua e até mesmo a percepção de si passam a ser atravessados pela experiência de estrangeiridade.

A segunda metáfora aproxima a migração da experiência da gravidez. Independentemente de ter sido planejada, desejada ou inesperada, a chegada de uma criança produz transformações subjetivas intensas. Algo semelhante ocorre na experiência migratória: memórias, traumas, feridas e idealizações são mobilizados, exigindo do sujeito um trabalho interno de elaboração e reorganização.

Mas como ficam especialmente as mulheres que migram “voluntariamente” para outros países?

Muitas mulheres mudam de país ancoradas na promessa de um amor romântico, de um casamento, da construção de uma família ou da possibilidade de uma vida considerada melhor. Não são poucas aquelas que abrem mão de suas carreiras, de sua independência financeira e de suas redes de apoio para acompanhar seus companheiros.

Na escuta clínica, encontro frequentemente mulheres que se veem em situações de profunda vulnerabilidade emocional, social e financeira. Algumas deixaram profissões consolidadas; outras desejariam continuar trabalhando, mas enfrentam dificuldades relacionadas à língua, à validação profissional, à ausência de experiência internacional ou à sobrecarga da maternidade e do cuidado doméstico.

Em muitos casos, a falta de rede de apoio agrava significativamente o sofrimento psíquico. Cuidar dos filhos, administrar a casa, enfrentar burocracias migratórias, adaptar-se a uma nova cultura e sustentar relações afetivas em um território desconhecido pode produzir intenso esgotamento emocional.

Existem também mulheres que migram de forma independente, movidas por seus próprios projetos acadêmicos ou profissionais. Ainda assim, muitas vivenciam sentimentos de solidão, desenraizamento e dependência emocional. O medo de estar sozinha em uma cultura desconhecida frequentemente atravessa seus relacionamentos e modos de existir.

Outro aspecto que chama atenção na clínica é o quanto essas mulheres são constantemente lembradas de sua condição de estrangeiras. A estrangeiridade parece atravessar seus corpos de maneira mais intensa do que atravessa os homens. O sotaque, a maternidade, as dificuldades linguísticas, a dependência financeira e os papéis de gênero frequentemente as colocam em posições de maior vulnerabilidade.

Nesse sentido, as contribuições de Valeska Zanello (2018) tornam-se fundamentais para pensarmos os atravessamentos entre gênero, cultura e sofrimento psíquico. Muitas questões historicamente naturalizadas nas experiências femininas começam hoje a ganhar nome, contorno e reconhecimento. Sofrimentos antes silenciados ou diluídos na rotina dessas mulheres passam a emergir na clínica de maneira mais evidente.

A própria trajetória de Clarice Lispector, acompanhando o marido diplomata em diferentes países, ilustra algumas dessas questões. Como apontam Ferreira e Montero (2021), sua vida profissional e emocional era constantemente atravessada pelos deslocamentos, pela solidão e pelas exigências da vida no exterior. Quantas mulheres não vivem experiências semelhantes ainda hoje?

A clínica com mulheres imigrantes frequentemente nos confronta com questões complexas: como sustentar uma vida em outro país sem rede de apoio? Como enfrentar uma gestação, um puerpério ou a criação dos filhos longe das referências familiares? Como lidar com relações conjugais marcadas por dependência emocional e financeira? E, em situações de separação, quais possibilidades reais essas mulheres têm diante de legislações migratórias muitas vezes rígidas e pouco acolhedoras?

Neusa Santos Souza, no capítulo “O estrangeiro nossa condição”, presente no livro *O estrangeiro* (Koltai, 1998), propõe uma reflexão potente sobre o feminino e a alteridade:

Outra figura do estranho é o feminino. O feminino pensado como diferença, alteridade — o feminino como Outro. Outro sexo, outro modo de gozo, outra raça, outro país, outra língua. O feminino é o Outro que se opõe ao mesmo, resiste ao um da norma, faz objeção ao todo, à totalização, se contrapõe à ordem dominante. Norma de um lado, feminino de outro. A norma é sempre o masculino, o fálico, o adulto, o europeu. (p.159)

Diante de políticas migratórias frequentemente hostis, da precarização da vida do imigrante e das desigualdades de gênero ainda presentes nas relações sociais, muitas mulheres acabam vivendo em um não lugar: entre a idealização da vida no exterior e a experiência concreta do desamparo.

Édouard Louis (2024), em *Monique se liberta*, também nos convida a pensar sobre os atravessamentos sociais e econômicos envolvidos na possibilidade de transformação da própria vida:

Será possível estabelecer alguma coisa como o preço da liberdade, um preço quantificável racionalmente, matematicamente? (...) Quantas pessoas, quantas mulheres mudariam de vida se tivessem um cheque na mão?” (p. 47)

Essa pergunta atravessa constantemente minha escuta clínica.

Venho me perguntando sobre as possibilidades e os limites da análise diante de mulheres que se encontram em situações tão profundas de desamparo. O que pode a escuta quando o ideal da família feliz, do casamento ideal ou da vida perfeita no exterior começa a se desfazer diante da realidade?

Muitas dessas mulheres chegam ao consultório exaustas, isoladas, sobrecarregadas pelo trabalho do cuidado, frequentemente sustentando sozinhas a criação dos filhos e a organização da vida familiar. Algumas vivem relações marcadas pela omissão dos companheiros, pela dependência financeira e pela dificuldade de reconhecer o próprio sofrimento.

Recebo mulheres que temem questionar suas próprias vidas, pois isso implica confrontar ideais profundamente enraizados. O que fazer quando se reconhece infeliz em um país estrangeiro? Como romper relações adoecidas estando distante de suas redes afetivas? Como retornar ao país de origem sem vivenciar isso como fracasso?

Muitas desconhecem seus direitos, encontram dificuldades com a língua, enfrentam burocracias complexas e sentem-se aprisionadas em relações e contextos dos quais não conseguem sair. Em outros casos, mesmo diante da possibilidade concreta de separação, surgem medos relacionados à guarda dos filhos, à permanência no país ou à própria sobrevivência financeira.

Não tenho respostas definitivas para essas perguntas. Sigo, porém, na escuta dessas mulheres que, a partir de um sofrimento ou incômodo, encontram um espaço possível para falar.

A experiência clínica tem me levado a questionar constantemente os limites e as possibilidades da escuta analítica diante de sofrimentos atravessados por questões sociais, econômicas, culturais e políticas tão concretas. Sabemos da potência da palavra e da escuta, mas até onde essa potência alcança quando o mundo insiste em produzir desamparo?

Compartilho estas reflexões com colegas analistas na tentativa de pensar, coletivamente, qual o lugar possível da clínica diante das novas formas de sofrimento que emergem nas experiências migratórias contemporâneas.

## Referências

- Ferreira, T. C. M., & Montero, T. (2021). *À procura da própria coisa: uma biografia de Clarice Lispector*. Rocco.
- Koltai, C. (Org.). (1998). *O estrangeiro*. Escuta.
- Louis, É. (2024). *Monique se liberta* (M. Scalzo, Trad.). Todavia.
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Appris Editora.

## COMO CITAR ESTE TEXTO:

Nascimento, J. M. S. (2026). Limites da escuta do analista na escuta de mulheres imigrantes em situações de vulnerabilidade. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 12, n.2, 82-89.  
<https://dx.doi.org/10.59068/24476137limitesdaescuta>

RECEBIDO EM: 25/08/2025  
APROVADO EM: 20/05/2026